Os efeitos da memória na obra *ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*

Los efectos de la memoria en la obra enseñar a transgredir: la educación como práctica de la libertad

Yasmin Garcia Marques¹

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

yasmin.marques@acad.ufsm.br

<https://orcid.org/0000-0003-1188-5871>

Luciana Ferrari Montemezzo

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

luciana.montemezzo@ufsm.br

<https://orcid.org/0000-0002-8538-508X>

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a importância da memória na obra intitulada *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013), da autora e feminista bell hooks (1952-2021). Como objetivo geral deste trabalho, pretende-se analisar o objeto mencionado e dentre os objetivos específicos estão: 1) apresentar a obra referida; 2) analisar fragmentos que demonstrem aspectos indicadores da memória; 3) evidenciar a importância do movimento feminista na construção da educação. Isso porque ao analisar os ensaios da autora pode-se considerar que as lembranças traumáticas no âmbito escolar possuem relação com a memória e a história e esses eventos traumáticos interferem até mesmo na construção da identidade da mulher racializada. Dito isso, dentre os pressupostos teóricos estão, principalmente, Ricoeur (2007), Fanon (1961), Conceição Evaristo (2011) e Sueli Carneiro (2020), a fim de identificar passagens significativas dessas lembranças que se configuram como marcas de memória/história de caráter individual e coletivo à medida que os episódios são narrados na obra em questão. Como resultados, espera-se evidenciar que a documentação da memória é fundamental para que não ocorra o esquecimento das vozes que são marginalizadas. Dito isso, hooks auxilia não só a pensar a partir das experiências e práticas no contexto de sala de aula, mas também possibilita refletir sobre os desafios da mulher negra sob um ponto de vista histórico.

Palavras-chave: bell hooks; espaços de memória; lembranças.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMEN

El presente trabajo pretende discutir la importancia de la memoria en la obra titulada *Enseñar a transgredir: la educación como práctica de la libertad* (2013), de la autora y feminista bell hooks (1952-2021). Como objetivo general de este trabajo, se pretende analizar el objeto mencionado y entre los objetivos específicos están: 1) presentar la obra referida; 2) analizar fragmentos que demuestren aspectos indicadores de la memoria; 3) evidenciar la importancia del movimiento feminista en la construcción de la educación. Pues, al analizar los ensayos de la autora se puede considerar que los recuerdos traumáticos en el ámbito escolar tienen relación con la memoria y la historia y estos eventos traumáticos interfieren incluso en la construcción de la identidad de la mujer racializada. Dicho esto, entre los supuestos teóricos están principalmente Ricoeur (2007), Fanon (1961), Conceição Evaristo (2011) y Sueli Carneiro (2020), con el fin de identificar pasajes significativos de estos recuerdos que se configuran como marcas de memoria/historia de carácter individual y colectivo a medida en que los episodios son narrados en la obra en cuestión. Como resultados, se espera evidenciar que la documentación de la memoria es fundamental para que no ocurra el olvido de las voces que son marginadas. Dicho esto, hooks no solo ayuda a pensar desde las experiencias y prácticas en el contexto del aula, sino que también permite reflexionar sobre los desafíos de la mujer negra desde un punto de vista histórico.

Palabras-clave: bell hooks; espacios de memoria; recuerdos.

INTRODUÇÃO

A educação, por muitos anos, foi um espaço destinado para brancos, pois, historicamente, homens, mulheres e crianças negras não podiam aprender a ler ou a escrever devido ao regime escravocrata. “Portanto, as mulheres negras advêm de uma experiência histórica diferenciada, marcada pela perda do poder de dominação do homem negro por sua situação de escravo, pela sujeição ao homem branco opressor” (Carneiro, 2020, p. 50).

Sabe-se que isso se estendeu por muito tempo, entretanto, a abolição da escravatura e a forte união entre as mulheres (brancas e negras) em prol do acesso à educação foi essencial para que reivindicações pudessem ocorrer e essa situação mudasse. Conforme as palavras da feminista Angela Davis (2016, p. 53-54) “Prudence Crandall foi uma professora que desafiou a população branca de Canterbury, Connecticut, ao aceitar uma menina negra em sua escola”. Embora nos dias de hoje pareça inimaginável ocorrer

a discussão sobre “aceitar uma menina negra na escola” por se tratar de um ato simples de direito e de acesso universal, tornou-se ainda naquela época um movimento simbólico de resistência. Mas, embora saibamos da importância dessas e de outras reivindicações, esses fatos não anulam as marcas deixadas por esse passado que refletem na desigualdade social, nos espaços ocupados pela mulher negra e na deslegitimação da fala da mulher racializada.

Nesse viés, Frantz Fanon (1968, p. 212), na obra intitulada *Os Condenados da Terra*, ressalta que as posições defensivas nascidas desse confronto violento do colonizado e do sistema colonial se organizam em uma estrutura que revela, então, a personalidade colonizada. Segundo o autor, para compreender essa “sensitividade” basta simplesmente estudar, apreciar o número e a profundidade das feridas causadas a um colonizado.

Para isso, se faz necessário observar que, muitos relatos de caráter biográfico sobre os eventos traumáticos a respeito dessas experiências negativas ao considerar um recorte de suas vidas (principalmente na infância), tratam-se de memórias coletivas quando se pensa no impacto desses traumas para a mulher racializada, principalmente no âmbito da educação. Um exemplo desse fragmento de caráter memorialístico acerca da educação é o da intelectual, filósofa e ativista, Djamilia Ribeiro (2018, p. 7): “não sabia por que sentia vergonha de levantar a mão quando a professora fazia uma pergunta já sabendo que eu não saberia a resposta”. Esse fragmento representa uma lembrança consideravelmente traumática da autora em relação à escola.

Também nesse viés, a intelectual bell hooks relata: “de repente, passamos a ter aulas com professores brancos cujas ações reforçavam os estereótipos racistas. Para as crianças negras, a educação já não tinha a ver com a prática de liberdade. Quando percebi isso perdi o gosto pela escola” (hooks, 2013, p. 12). Nesse outro fragmento, a autora destaca um ponto importante na sua infância acerca da sua experiência também negativa com a educação.

Não distante disso, Evaristo (2009, p. 1), ao relatar sobre sua percepção da educação, afirma que sua experiência não foi muito diferente: “marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres”. Com certeza é possível perceber a partir desses pequenos recortes em que as autoras resgatam as suas lembranças, algumas

similaridades sobre quem conta essas narrativas pelo movimento de retomar os olhos à educação na época da infância.

Também em *Feitio de Viver* (2006), Gizêlda Melo do Nascimento manifesta a importância de resgatar as memórias dos descendentes dos povos escravizados a partir do relato de suas dores, suas memórias e suas histórias. O importante ato de manifestar, ainda que por outras vozes, essas cicatrizes que deixaram marcas negativas nas pessoas negras e as dores que perduraram até a velhice são significativas ao encontrar de forma materializada a justiça pela memória em alguns exemplos dessas narrativas. Nesse sentido, destaca-se, especialmente, a entrevista de caráter informal da Vó Alzira Braga da Silva que reconstitui as suas memórias e também as histórias de resistência, pois seus traumas são coletivos e são semelhantes com a experiência contada não só por outras mulheres, mas também por homens negros. Por isso, é impossível dissociar memória de história e do ato de pensar coletivamente – sendo esse coletivo, neste contexto, formado por mulheres negras –, evidenciando o efeito de materialização proporcionado pela voz de um "eu" que enuncia experiências traumáticas comuns. E esse "eu", que enuncia nas obras de autoria feminina negra, deixa bastante perceptível a experiência/vivência negativa em seu relacionamento com a educação ao longo dos anos.

Quando Constância Lima Duarte (2019) intitula e discute o que hoje se conhece pelo conceito de "memoricídio", que consiste no sistema de apagamento da memória de autoras femininas, acredita-se ainda mais na potência da justiça pela memória e não apenas de hooks, mas de tantas outras autoras negras que fazem pesquisa, obras teóricas, obras literárias com tanta propriedade e que não podem ser vítimas de um sistema que oprime e invisibiliza. Desse modo, a partir do movimento de dar voz às suas próprias narrativas, essas mulheres combatem as suas feridas e seus traumas (sendo esse um fator em comum desde a infância), pela ação de romper o silenciamento e as injustiças causadas pelo memoricídio.

A OBRA E SEUS RASTROS BIOGRÁFICOS

A obra *Ensinando transgredir: a educação como prática da liberdade* foi escrita pela feminista Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks. De origem norte-americana, bell hooks (1952-2021), foi uma importante pensadora,

feminista e intelectual negra. A autora promoveu importantes discussões acerca da intersecção entre o feminismo e a educação, nessa obra, hooks coloca-se no discurso e narra sua história desde pequena na escola, defendendo a importância da construção de uma educação de caráter emancipadora. Em sua obra, a feminista faz críticas aos sistemas educacionais tradicionais que perpetuam desigualdades pelo ensino falho.

Como dito, por meio de um “eu” que enuncia, a autora discute a necessidade de projetar espaços onde, de modo geral, todos os alunos e alunas possam se sentir valorizados. Em seu livro, hooks aborda também acerca de sua vivência e relação com a educação ao narrar suas lembranças traumáticas e seus interesses desde pequena até tornar-se a inspiração que se tornou, sendo uma das protagonistas do feminismo. Ainda, é por meio de sua narrativa dos rastros de sua memória que se constrói e desvendam-se os traços de sua identidade como mulher negra intelectual. “Esse conceito de rastro nos conduz à problemática, brevemente evocada, da memória”. (Gagnebin, 2006, p. 44).

É importante também destacar que as marcas pessoais de autoria são detalhes muito importantes dos ensaios, pois a autora, constantemente, se coloca nesse lugar de “eu quero dizer”, mas também, por meio do seu discurso, manifesta a voz de outras mulheres negras. Embora saibamos que a maior parte da notoriedade e popularidade do livro aconteça devido à proposta de uma educação diferente da tradicional ao justificar a importância do acesso dos professores a esse material acerca da pedagogia crítica e de caráter feminista. Deste modo, a feminista inspira educadores engajados que se interessam pela mudança e se comprometem a propor melhorias para a *práxis* pedagógica.

Em diversas passagens, a autora ressalta que a discussão sobre o feminismo se faz não só na academia, mas que esse debate deve ocorrer em espaços informais e de caráter cotidiano. hooks também destaca a importância da oralidade no ato de discutir com sujeitos com ou sem escolarização, homens ou mulheres, pois é onde veremos resultados significativos e não apenas conversar sobre a teoria feminista nas universidades, (embora saibamos que é onde mais acontece essa discussão), pois entendemos que, na realidade, o Ensino Superior, bem como o espaço acadêmico, em um contexto geral, quantitativo, ainda é o local onde menos da metade da população tem acesso.

A autora explica, ao citar uma conversa fervorosa que teve em um restaurante, o fato de que os homens afirmavam que quem deveria decidir sobre o direito do aborto era tanto os homens quanto as mulheres (hooks, 2013, p. 101). Se essa conversa não tivesse

sido dialogada da forma como ocorreu, provavelmente, esses sujeitos seguissem reproduzindo um discurso sexista. Mas, embora não estivesse em um ambiente acadêmico, a intervenção da autora foi fundamental para a reflexão daquelas pessoas que, de acordo com a feminista, algumas tinham formação universitária, mas outras não.

O fato é que as lembranças e seus testemunhos de um tempo passado estão sempre presentes nos exemplos que são muito bem colocados em consonância com sua teorização. Por isso, trazer exemplos práticos, pessoais e concretos de suas memórias são extremamente significativos para a construção do debate na obra em questão.

OS SONHOS QUE PERPASSAM AS GRADES DO SISTEMA

Um ponto muito importante na obra é a ligação da feminista com os pressupostos de Paulo Freire – que é bastante citado na sua escrita. A pensadora o coloca como um guia, conforme suas palavras: “quando descobri a obra do pensador brasileiro Paulo Freire, meu primeiro contato com a pedagogia crítica, encontrei nele um mentor e um guia [...]” (hooks, 2013, p. 15). Inclusive, ela destaca um dos ensaios de sua obra e o intitula como Paulo Freire, legitimando sua admiração e respeito pelo pensador.

No decorrer dos ensaios, a autora critica afincadamente o ensino tradicional e reitera os objetivos da sua escrita. Conforme as palavras de hooks (2013, p. 23), “com estes ensaios, somo minha voz ao apelo coletivo pela renovação e pelo rejuvenescimento de nossas práticas de ensino”. Inclusive, a autora nunca escondeu a sua admiração pelos pensadores e críticos brasileiros, sempre manifestou com muito respeito sua adoração por esses sujeitos.

Além disso, no decorrer de seu livro, a feminista relata momentos de sua jornada acadêmica e enfatiza sobre porque é extremamente necessário pensar em uma educação emancipadora: “Apesar das experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta a capacidade de ser livres” (hooks, 2013, p. 13). Nesse sentido, seu relato representa a história de muitas outras mulheres negras que tiveram experiências negativas em relação à educação, mas que ainda assim acreditam que a educação é uma ferramenta de transformação social.

É válido ressaltar nesse viés que a autora norte-americana relata lembranças que nascem da sua experiência pessoal e o próprio fato de resistir materializando suas

memórias pela escrita são fundamentais. Seu lugar como mulher negra, que escreve sobre sua experiência para falar sobre sua relação com a educação e sua resistência para escrever torna-se um ato de justiça. Pois, ao recorrer ao recurso da memória, a autora espelha as suas dolorosas lembranças pessoais, mas coletivas que são velhas imagens conhecidas para outras mulheres negras. Desse lugar subalterno, hooks também relata que no Ensino Superior não era assim tão diferente porque também apresentavam problemas no sentido de que ao invés de potencializar seus sonhos e projetar um futuro promissor, a faculdade parecia uma espécie de prisão onde não se podia confrontar ideias e o professor era o “detentor do saber”: “Descobri naquela época que as professoras brancas não estavam muito dispostas a promover o interesse pelo pensamento feminista e pelos estudos feministas entre as alunas negras [...]” (hooks, 2013, p. 15). Nesse recorte, a feminista expõe sua pessoalidade no discurso e relata sobre a sua relação em sua jornada acadêmica, como parte fundamental para a construção da sua formação no Ensino Superior, os estudos feministas.

A autora resgata suas lembranças como ferramenta/instrumento de sua memória na tentativa de promover a justiça por uma reflexão potente visando promover uma transformação social por meio de ações que alcancem o bem coletivo:

É a justiça que, ao extrair das lembranças traumatizadas seu valor exemplar, transforma a memória em projeto; e é esse mesmo projeto de justiça que dá ao dever de memória a forma do futuro e do imperativo. Pode-se então sugerir que, enquanto imperativo de justiça, o dever de memória se projeta à maneira de um terceiro termo no ponto de junção do trabalho de luto e do trabalho de memória (Ricoeur, 2007, p. 101).

O filósofo Ricoeur discorre acerca dessas lembranças negativas que impulsionam a justiça por meio da memória. Dito isso, o fato de a autora escrever acerca dessas lembranças e materializá-las por sua memória se configura como um ato potente carregado de significado contra o esquecimento.

Na obra *Os condenados da terra*, no capítulo intitulado Guerra Colonial e Perturbações Mentais, de Fanon (1968), o autor descreve e explica sobre a guerra colonial e as causas das perturbações mentais. Segundo Manual MSD, o delírio é uma perturbação súbita, flutuante e geralmente reversível da função mental. Ele é caracterizado por uma incapacidade de prestar atenção, desorientação, incapacidade de pensar com clareza e flutuações do nível de alerta (consciência), isso ocorre exatamente com a escrava e mãe,

Joana. Segundo Fanon (1968), é uma patologia mental produzida diretamente pela opressão.

Nesse sentido, um outro fragmento muito importante é quando bell hooks exemplifica as formas de opressão e violência causadas pelo sistema colonial ao comentar sobre um episódio de dessegregação no cotidiano da escola, um período de muita confusão, de difícil adaptação para uma criança, de estranhamento e de extremo desconforto:

Nós é que tínhamos de viajar para fazer da dessegregação uma realidade. Tínhamos de renunciar ao que conhecíamos e entrar em um mundo que parecia frio e estranho. Não era nosso mundo, não era nossa escola. Não estávamos mais no centro, mas à margem, e isso doía. Foi uma época bastante infeliz. Ainda me lembro da raiva que sentia por termos de acordar uma hora mais cedo para ir de ônibus à escola antes de os alunos brancos chegarem (hooks, 2013, p. 38).

Nesse fragmento, a autora narra um novo cotidiano, uma lembrança “comum” no sentido de ser uma memória coletiva para os seus amigos e os seus colegas negros. “Haveria então memórias individuais e, se o quisermos, memórias coletivas. Em outros termos, o indivíduo participaria de duas espécies de memória” (Halbwachs, 1990, p. 53). Nesse viés, ao rememorar esse episódio de um determinado tempo histórico, a autora expressa o seu descontentamento e desconforto, inclusive acerca dessa imagem construída do passado sobre o seu trajeto diário para a escola.

Outra situação e talvez uma das mais significativas acerca das experiências vividas pelas mulheres intelectuais negras é o fato de sentir fortemente a deslegitimação do seu trabalho. Cabe aqui destacar o termo criado por Boaventura de Sousa Santos, o “epistemicídio”: “Como consequência, um epistemicídio maciço tem vindo a decorrer nos últimos cinco séculos, e uma riqueza imensa de experiências cognitivas tem vindo a ser desperdiçadas” (2016, p. 52). A autora explica: “no começo, houve muitas vezes em que minha obra foi sujeita a formas de rejeição e desvalorização que criaram um desespero profundo dentro de mim. Acho que esse desespero foi sentido por toda teórica/pensadora negra” (hooks, 2013, p. 100). Além de narrar o que sentiu, acrescenta que essa percepção parece uma experiência compartilhada e não um caso individual.

Nesse viés, muito se fala sobre a deslegitimação do negro e a necessidade de provar constantemente aos demais a sua potência e a necessidade de uma validação acerca do que é discutido intelectualmente. Na realidade, não é estranho a autora mencionar esse

fato, pois essa experiência, obviamente, faz parte de uma lembrança coletiva, pois muitas outras intelectuais negras possuem lembranças similares, ao relatarem, de formas e momentos diferentes, o mesmo problema de provação intelectual. Assim, não basta apenas possuir um currículo muito bom e ser uma intelectual respeitada, esse ato de deslegitimar a fala da mulher negra é um problema que respinga desde o passado e reproduz no presente um racismo que é recorrente de forma geral.

A MATERIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA: A ESCRITA COMO FERRAMENTA CONTRA O ESQUECIMENTO

Após a análise de alguns dos fragmentos mais significativos da obra em questão, se certificou que seu texto carrega marcas biográficas e foi observado que ao narrar suas experiências hooks materializa suas memórias e faz justiça a esse passado que perdura ainda no presente. “A memória desvela-se, desse modo, como um caleidoscópio incessante e complexo, no qual o texto literário apresenta-se como um potente participante, ao contribuir para o movimento permanente de reconstrução das vias organizadoras de memórias” (Pereira, 2014, p. 345).

Pode-se considerar nesse sentido que, apenas deixar essas lembranças do passado silenciadas ou trancafiadas não é uma opção, pois esquecer esses acontecimentos traumáticos em uma gaveta é acreditar que esquecer é uma solução, mas pelo contrário, essa ação naturaliza injustiças e fatos errôneos. Assim, o fato de a autora documentar suas lembranças pelo recurso da memória e da escrita é fundamental para transformá-las em justiça documentada. Essas marcas pessoais de autoria em função das lembranças traumáticas vivenciadas, que são mais conhecidas por um grupo social, quando expostas contribuem para a ruptura do silenciamento e da violência que as mulheres negras sofrem desde a infância e perduram até a vida adulta.

É mais do que isso, um ato importante para construir reivindicações para ocupar os espaços que as mulheres e os homens negros realmente merecem. E que a dúvida sobre a capacidade intelectual desse sujeito não seja constantemente colocada em discussão. “A escrita é, para elas, um lugar decisivo para mudar os percursos de suas vidas e de escolhas, as quais pretendem que sejam emancipadoras ou, pelo menos, transgressoras” (Santiago, 2012, p. 153). Desse modo, a materialidade documental do livro pela concretização da

escrita e o rompimento do silêncio seriam então uma forma de dar voz às injustiças dos subalternos, desligar o dispositivo que assombra o passado e materializar a memória em seu registro escrito que não possui só um caráter individual, mas também coletivo.

O FEMINISMO NEGRO: UM MOVIMENTO FUNDAMENTAL PARA UMA EDUCAÇÃO DE FATO TRANSFORMADORA

Por que defender o feminismo? Como vimos, a autora defende fortemente a inserção do feminismo nas práticas de sala de aula para uma transformação significativa no cenário da educação. Porém, ainda nos dias atuais, esse debate enfrenta muita resistência nas salas de aulas, entre outras esferas. Além disso, a autora critica o fato de que os sujeitos que norteiam esse debate, geralmente, são as mulheres brancas de classe média, quando seu maior público também são as mulheres brancas. Essa falta de diversidade compromete a discussão do feminismo. Ainda mais quando se trata, especificamente, do feminismo negro:

Nestes movimentos, as questões raciais estão historicamente ocupando um lugar hierárquico superior às questões de gênero. Em geral, argumenta-se que, se as questões raciais fossem resolvidas, automaticamente as dificuldades pelas quais as mulheres negras passam desapareceriam. Assim, negligencia-se o fato de que sobre as mulheres negras não recai somente a opressão racial. Por serem mulheres, recai também sobre elas a opressão de gênero e, de modos mais violentos do que sobre as mulheres brancas, já que as mulheres brancas não estão sujeitas ao racismo (Leal, 2020, p. 16-17).

É importante considerar as nuances do feminismo negro, pois elas contribuíram para a defesa da mulher negra; logo, suas preocupações perpassam as pautas de gênero e incluem a questão da raça como prioridade do movimento. Mas, para que a mudança esperada ocorra nesses contextos, é necessário que a discussão feminista alcance esses espaços e que as pessoas negras não se sintam julgadas nesses espaços acadêmicos para dialogar sem medo dos julgamentos, deixando de ser apenas ouvintes para se tornarem também atuantes:

A falta de familiaridade com os temas em discussão pode levar os alunos negros a se sentir em desvantagem não só academicamente, mas também culturalmente (talvez não estejam acostumados a discutir práticas sexuais em público). Se uma aluna negra admite que não conhece os trabalhos de Audre Lorde e o resto da classe solta um grito de surpresa, como se isso fosse

impensável e inadmissível, esse grito evoca a sensação de que o feminismo, na verdade, é uma seita fechada cujos membros são geralmente brancos (hooks, 2013, p. 153-154).

Como a feminista ressalta, esses temas muitas vezes ficam restritos às pessoas brancas, isso dificulta o diálogo sobre a temática, devido a essas validações pré-estabelecidas:

Os alunos são frequentemente silenciados por meio de sua aceitação de valores de classe que os ensinam a manter a ordem a todo custo. Quando a obsessão pela preservação da ordem é associada ao medo de “passar vergonha”, de não ser bem-visto pelo professor e pelos colegas, é minada toda possibilidade de diálogo construtivo. Embora os alunos entrem na sala de aula “democrática” acreditando que tem direito à “livre expressão”, a maioria deles não se sente à vontade para exercer esse direito à livre expressão - especialmente se ela significa que eles deem voz a pensamentos, ideias e sentimentos que vão contra a corrente, que não são populares (hooks, 2013, p. 237).

Desse modo, a feminista aborda sobre essa relação dos alunos e alunas negras com a sala de aula, um espaço teoricamente democrático, mas que na realidade quando muito tradicional pode causar intimidação e certa censura em relação a expressão oral das ideias. Nesse sentido, aproximando-se das páginas finais de seu livro, a autora demonstra como articula o funcionamento de sua didática em sala de aula:

Nas aulas que dou, faço com que os alunos escrevam parágrafos curtos que depois leem em voz alta, para que todos tenhamos a oportunidade de ouvir perspectivas singulares e de fazer uma pausa e ouvir, de escutar com atenção cada voz em particular, fortalece nossa capacidade de aprender juntos. Embora um determinado aluno não fale de novo depois desse momento, sua presença foi reconhecida (hooks, 2013, p. 247).

Ao considerar seu relato sobre sua prática em sala de aula, a professora reconhece seu aluno como uma potência, um sujeito único que precisa ser valorizado no espaço da sala de aula. Conforme as palavras da autora (hooks, 2013, p. 250), “uma vez que esses medos raramente são levados em conta no processo pedagógico progressista, os estudantes que sofrem dessa ansiedade muitas vezes se sentem hostis e isolados e se recusam a participar da dinâmica de aula”.

Para isso é importante que esses professores estejam atentos e não confundam a timidez do aluno e da aluna negra com o projeto de silenciamento. Isso porque essa necessidade de um conhecimento prévio acerca do debate bloqueia o interesse para a desconstrução do sexismo, quando se sabe que a realidade dos sujeitos negros está na preocupação e luta pela sobrevivência e essa teoria é colocada em segundo plano.

Por esses fatores, dialogar sobre o feminismo negro é inegociável para uma transformação social significativa. Mas, para isso, é importante que alguns preconceitos de ordem sexistas sejam desconstruídos. Dito isso, “ao perder o medo do feminismo negro, as pessoas privilegiadas perceberão que nossa luta é essencial e urgente, pois enquanto nós, mulheres negras, seguirmos sendo alvo de constantes ataques, a humanidade toda corre perigo” (Ribeiro, 2018, p. 27). Como a filósofa ressalta, o feminismo negro é uma luta urgente, logo a necessidade de entender que a sua importância atinge a todos e, portanto, também deveria interessar a todos.

Ao promover uma educação diferente da tradicional em que se considera os pressupostos feministas a sala de aula muda e a sociedade também muda. Desse modo, as esferas de poder também compreendem a importância do feminismo, o lugar da mulher em diversas ordens sociais e a potencialidade da mulher negra. Somente ao se aceitar a importância de incorporar o pensamento feminista desde a escola é que se pode vislumbrar um futuro promissor. Defender o feminismo é uma ação mais necessária do que nunca, para que retrocessos não ocorram e não sejam naturalizados pelo sexismo de uma sociedade patriarcal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a escrita de caráter autobiográfico da autora por meio das memórias narradas. Foi constatado, nesse sentido, que, ao decorrer das páginas de seus ensaios, a autora, por diversas vezes, utiliza o “eu” que enuncia para expressar suas lembranças assombrosas a respeito de sua jornada acadêmica.

Como foi evidenciado, essas memórias acerca da educação são comuns para outras mulheres negras conhecidas no cenário do feminismo negro, como a própria autora bell hooks, Djamila Ribeiro e Sueli Carneiro. Como foi analisado, a posição que essas autoras se colocam no mundo demonstram aspectos significativos acerca do objeto teórico discutido, pois essas autoras narram suas memórias também pelo imaginário de fazer justiça social do passado por meio da atualidade, da potencialidade e da justiça dos seus escritos.

O efeito de evocar suas memórias em seu texto explora e une suas vivências como mulher negra até a constituição de sua identidade. Suas experiências tornam-se exemplos

concretos para a discussão feminista na proposta de uma educação emancipadora que foge do modelo de educação tradicional. Explorando suas potencialidades argumentativas por meio da narrativa, o livro propõe uma discussão em consonância com os pressupostos teóricos e da pedagogia do pensador Paulo Freire. Dito isso, é a partir do ato de incorporar suas experiências pessoais por seus dispositivos de memória que a obra se torna cada vez mais interessante. bell hooks, uma inspiração para muitas mulheres negras ao materializar seu pensamento acerca da educação visando promover espaços de promoção para a discussão, transformou a visão dos professores e alunos sobre o que é possível construir para o presente e para o futuro da educação.

Esse lugar, bastante ocupado pelo “eu” que enuncia por diversas vezes, manifestou sua identidade por meio da narrativa, esse fator torna-se essencial para constituir a organização da sua narrativa memorialística com propriedade. Desse modo, a autora não apenas enfatiza a importância de promover uma educação que visa transgredir os muros da sala de aula ou as paredes fechadas da academia, mas fornece exemplos significativos de como estabelecer essa dinâmica educacional.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Constância Lima. *Memoricídio: o apagamento da história das mulheres na literatura e na imprensa*. Mesa redonda no XVIII Seminário Internacional Mulher e Literatura. Aracaju: UFSE, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 464, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 23 jul. 2024.

LEAL, Halina. Feminismo negro. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 6, n. 3, p. 16-23, 2020.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.

PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. Literatura, lugar de memória. *Soletras*, n. 28, p. 344-355, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SANTIAGO, Ana Rita. *Vozes literárias de escritoras negras*. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; ARAÚJO, Sara; BAUMGARTEN, Máira. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Sociologias*, v. 18, p. 14-23, 2016.

Recebido em: 28/08/2024

Aceito em: 20/03/2025

Yasmin Garcia Marques: mestranda na área de concentração em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/CAPES). Graduada em Letras Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola - Habilitação Licenciatura pela mesma instituição (2018-2023). Atualmente, sob apoio financeiro da CAPES, se dedica integralmente à pesquisa.

Luciana Ferrari Montemezzo: professora de Literaturas Hispânicas e Tradução Literária na Universidade Federal de Santa Maria desde 1996. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tradução do Espanhol, 1995). É Mestra em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (1999) e Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2008). Realizou estágio Pós-doutoral na Facultad de Traducción e Interpretación da Universidad de Granada, Espanha (2019-2020).